



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura da 1ª Mostra Nacional de Desenvolvimento
Regional e assinatura do Compromisso Mais Nordeste pela Cidadania**

Salvador-BA, 24 de março de 2009

Meu querido companheiro governador do estado da Bahia, Jaques
Wagner,

Meu querido companheiro ex-governador da Bahia, ex-ministro da
Previdência, ex-ministro da Defesa, companheiro Waldir Pires,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional,

Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

José Gomes Temporão, da Saúde,

Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Guilherme Castro, do Desenvolvimento Agrário,

Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Mangabeira Unger, da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

Senhor Edmundo Pereira Santos, vice-governador da Bahia,

Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

Meus queridos companheiros governadores Marcelo Miranda, do estado
do Tocantins; Marcelo Déda, do estado de Sergipe; Teotônio Vilela, de
Alagoas; Luiz Henrique da Silveira, de Santa Catarina, Wilma de Faria, do Rio
Grande do Norte; Wellington Dias, do Piauí, José Maranhão, da Paraíba;
Francisco Pinheiro, governador em exercício do Ceará; Luiz Carlos Porto, vice-
governador do estado do Maranhão.

Senadores Cezar Borges e João Durval,



Companheiros deputados federais e companheiras deputadas federais,
Meu caro João Henrique, prefeito da cidade de Salvador,
Senhores representantes de organismos internacionais,
Meu caro Norberto Odebrecht, presidente do Conselho Curador da Odebrecht,

Senhores presidentes de associações de municípios e demais prefeitos aqui presentes,

Meus companheiros que estão aqui representando as mesorregiões, tomando conta das suas barracas, das suas feiras, que é a razão deste encontro aqui.

Meu querido maestro Humberto Carlos Dantas, e da Orquestra Filarmônica de Cruzeta, no Rio Grande do Norte. Eu, quando chegar a Brasília vou ver se a Guarda Presidencial aprende a tocar esse dobrado “Luiz Inácio Lula da Silva”, e vou mandá-la tocar para a dona Marisa todo dia acordar com o dobradinho “Luiz Inácio Lula da Silva”, o que vai ser inesquecível.

Creio que esta 1º Mostra Nacional de Desenvolvimento Regional não poderia ocorrer em outra hora. Meu caro Geddel, eu, quando fui convidado para participar do Encontro do Território da Cidadania, ontem, eu achei que era mais um daqueles encontros chatos que às vezes me convidam, só para ouvir discursos. Mas eu fiquei impressionado, não apenas pela qualidade do serviço já prestado pelo Território da Cidadania, mas fiquei alucinado pela apresentação da diversidade cultural que nós vimos ontem, das regiões deste país.

E hoje eu pensei: será que esse Geddel sabe fazer feira? O cara passou a vida inteira brigando política [politicamente] aqui, na Bahia, e eu pensei: eu vou lá, mas eu tenho que ir lá porque ele e o Wagner... Eu pensei que você e o Wagner também estavam brigando, mas... O tanto que o Wagner falou de você nessa tribuna, nem você falou de mim. Não sei que briga é essa... No meu



estado...

Eu confesso a vocês que quando eu entrei acho que no salão de baixo, para ver a exposição, a primeira casa com a qual eu dei de encontro, Luiz Henrique, foi uma casa de Santa Catarina. E depois visitei... não sei se visitei todos os estados, mas quase todos os estados. O Geddel sempre reclamando que a minha segurança tinha proibido eu ir ali e acolá, disseram que eu não podia visitar o Pirarucu, que o peixe ia me comer, de tão grande que é.

Mas eu saio daqui realizado como homem, como brasileiro e como Presidente da República. Saio realizado porque uma feira como esta, ela demonstra a arte do possível, ela demonstra o resultado da política correta, ela demonstra o que significa a oportunidade dada às pessoas. E ela significa um modelo de desenvolvimento que muitas vezes os companheiros da imprensa não têm nem culpa, porque a gente, às vezes, está preocupado com as grandes futricas do País e não com as grandes realizações que acontecem no País, isso faz parte do cotidiano.

Eu até disse ao companheiro Geddel que seria importante ver se consegue, naquele programa Globo Rural ou em outro programa, naquele programa do Sebrae, mostrar esta feira por dentro, mostrar as pessoas fazendo negócios, mostrar os anos de experiência, mostrar a crença e a confiança da cara das pessoas. Não é da cara do Presidente ou da cara do Geddel, não é da nossa cara. Nós somos políticos e as pessoas podem até dizer: “Bom, mas político é assim mesmo, ri à toa”. Agora, é importante ver a alegria da cara das pessoas que fizeram os produtos que estão aí para serem vendidos. É a cara deles que importa para nós.

E este país, o companheiro Mangabeira está andando muito pelo país agora, e ele percebe que se não fosse o descaso a que este país foi submetido durante décadas e décadas, se as pessoas olhassem para um país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, se as pessoas olhassem para um país de 190 milhões, e não apenas para 35 ou 40 milhões, certamente este



país já estaria pronto a muito mais tempo.

Vocês sabem que é sempre mais difícil a gente reformar uma casa do que fazer uma nova. É sempre mais difícil. E o País, que teve picos extraordinários, teve decréscimos inimagináveis. Este país passou praticamente uma geração e meia sem que as coisas acontecessem neste país.

Se nós quisermos olhar os últimos tempos, nós vamos perceber que este país ficou praticamente 25 anos sem nenhuma obra... Esse papel que eu pedi não é esse. Lamentavelmente, os meus companheiros, por engano, me deram os papéis errados, com tantos que eu dou na mão deles.

Este país, se tivesse sido olhado com carinho, com as suas diferenças culturais, com as suas diferenças sociais, se as pessoas se lembrassem que existiam os quilombolas neste país, que existiam comunidades indígenas, que existiam trabalhadores que já tinham terra e, por terem terra, eram esquecidos nos grotões do nosso país. Este país que tinha na seca uma indústria de enriquecimento dos donos de caminhão-pipa. Este país que tinha na miséria, possivelmente, o cabo eleitoral maior de alguns políticos que utilizavam a miséria como forma de se perpetuarem no poder.

Bem, como eu falei da assessoria, era bom você não vir aqui, para ninguém saber que você é meu assessor, rapaz. Porque... Está bom. Faça um pouquinho de aprendizado político aqui, para não se expor tanto assim.

Este país poderia ter sido diferente. Uma coisa engraçada é que eu disputei as eleições de 1989, e quando eu terminei aquela eleição, eu me dei conta de que um dos poucos presidentes da República que viajou este país, tinha sido Juscelino Kubitschek. Eu me dei conta de que em cada lugar que eu chegasse, seja em Paraopeba, no Pará, seja em Maués, na Amazônia, seja em Oriximiná, no Pará, alguém falava: “Em 1950, o Juscelino veio aqui com um aviãozinho daqueles que pousava dentro da água. Mas depois os políticos desaprenderam a andar o País”.



Muitas vezes o presidente vai da capital para o seu estado natal. Para o Rio de Janeiro, que é sempre muito importante, as pessoas vão. Ou seja, e as pessoas não se entranharam para conhecer a plenitude da nossa gente. Isso faz um diferencial extraordinário. Eu resolvi em 1991 fazer as Caravanas da Cidadania. Foram, praticamente, 91 mil quilômetros de trem, de barco, de ônibus, percorrendo, conversando, ouvindo, recebendo nota, recebendo pauta de reivindicações. Isso possibilitou que nós pudéssemos ter uma dimensão maior, dessa imensa nação, de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, de quase 16 milhões [16 mil quilômetros] de fronteira seca, de oito mil quilômetros de costa marítima. Um País com metade da população, ou mais da metade, passando privações e uma outra parte vivendo como se morasse na Europa, nos Estados Unidos. Às vezes ganhando mais, porque a ostentação de alguns no Brasil é infinitamente maior do que em outros lugares. E eu tinha consciência de que não era fácil a gente reverter esse quadro.

Esses governadores que estão aqui, eu tenho certeza que todos eles, nos seus estados, têm exemplos de políticas de desenvolvimento microrregionais extraordinárias. Mas a gente ainda não consegue saber, porque não conseguimos dar dimensão nacional e visibilidade para tudo. Eu não sei quais as boas políticas que existem no Tocantins, em Alagoas, na Paraíba, em Santa Catarina, em Sergipe, na Bahia. Você sabe quando conversa com o governador e ele te conta alguma coisa, mas tem muito mais coisas acontecendo e que muitas vezes nós, governantes, não sabemos, a imprensa não sabe, as universidades não sabem, então, nós não conseguimos transformar tudo aquilo em políticas públicas do Estado brasileiro e, esta feira, Geddel, está possibilitando isso.

Quando terminar esse ato aqui, essa parte chata, que é o discurso que nós fazemos, vocês vão descer. Vocês conhecem praga de urubu? O general foi lá ver o Pirarucu e tomou um banho de suor aí. Pois bem, vocês vão descer e passear naquela feira, mas não fiquem com pressa, não. Eu, o meu passeio



é sempre desagradável, porque tem que ficar posando para eles aqui, para imprensa, porque político não pode ver uma máquina... Abriu uma geladeira, político está rindo achando que é televisão. Ligou o barbeador, mete um discurso, achando que é o microfone. Então vocês... Na verdade eu não consegui ver a feira direito, porque tem que posar para foto, tem que fazer um monte de coisa, mas visitem com calma, para vocês verem quantos países no mundo têm a diversidade cultural e a riqueza que tem este país. Vejam o que esse povo é capaz de produzir.

Geddel, eu quero te dar os parabéns e pedir desculpas porque, esse negócio no Brasil, às vezes a gente faz juízo de valor das pessoas, antes de conhecer as pessoas, e eu que achava que você não ia ter condições de fazer uma feira. Eu acho que você daqui para frente tem obrigação de todo ano escolher um estado e fazer essa feira, porque eu acho que é a oportunidade desses companheiros, milhares de homens e mulheres pelo País afora poderem dizer a todos nós: “Eu existo, eu trabalho, eu crio, eu invento. Agora, eu preciso que alguém me veja”. E vocês, por favor, ao visitar, ponham a mão no bolso e comprem alguma coisa também, porque só visitar não vai dar certo.

Mas, eu acho que sou um dos poucos políticos do mundo que peço desculpas. Quando eu falei mal da minha assessoria, eu vi que o papel estava aqui embaixo. Então, está redimida a assessoria. E eu vou dizer uma coisa para vocês, porque as coisas estão acontecendo.

Geddel, o BNB está subordinado ao seu Ministério, e o Basa. Ontem eu fui a Recife, inaugurar a primeira parte do metrô de Recife e estava lá o companheiro Roberto Schmidt, presidente do BNB. E ele me contou uma coisa que eu fiquei assim, eu diria... eu não podia estar imaginando aquilo. Ou seja, ele disse que quando pegou o banco, o banco só tinha capacidade de investimento de R\$ 260 milhões. O ano passado, o banco emprestou R\$ 13 bilhões, e os pedidos para 2009 são R\$ 14 bilhões, só do Fundo Constitucional.

Então, eu fico me perguntando: onde estava o dinheiro deste banco



antes de 2003? Por que as pessoas que reclamavam tanto da falta de recursos não o utilizavam? Bom, houve alguém que até achou que tinha que fechar tudo, ou seja, se tem ladrão, fecha tudo, como se a gente jogasse a criança com a água junto. Nós recuperamos a Sudene, o BNB está adotando capacidade de empréstimo, o Basa está sendo recuperado, o BNDES este ano ganhou R\$ 100 bilhões a mais para fazer financiamento.

Mas não é apenas isso. É que o Basa está emprestando 10 vezes mais do que emprestava, a Petrobras está investindo 10 vezes mais do que emprestava [investia]. Muita gente fala assim: “Mas esse Lula está achando petróleo porque Deus ajuda”. Não é Deus ajuda. Deus ajuda a todos nós. É porque a Petrobras, em pesquisa e prospecção, ela simplesmente saiu de 500 milhões/ano para 2 bilhões e meio/ano. Em pedra dura, água mole tanto bate que um dia fura. Por isso é que agora, no dia 1º de maio, nós vamos tirar o primeiro barril de petróleo do pré-sal, a 6 mil metros de profundidade. E as pessoas acham ruim porque nós estamos demorando para fazer o marco regulatório, porque as pessoas queriam que ficasse do jeito que estava. Não! Nós vamos fazer o marco regulatório para que as pessoas saibam que esse petróleo nem é da Petrobras, esse petróleo é da União, portanto é do povo brasileiro. E nós precisamos utilizar essa parte do petróleo que ainda não estava leiloada pela agência, para que a gente destine uma parte desse dinheiro para cuidar da educação neste país, e para cuidar da pobreza neste país.

Mas vamos ver porque as coisas estão acontecendo no Nordeste brasileiro: 52% de todos os beneficiários do Bolsa Família são aqui do Nordeste, e só a Bahia tem 1,490 milhão de famílias recebendo o Bolsa Família. Quarenta e quatro por cento de todo o orçamento do MDS – cadê o Patrus Ananias? Quanto que é o orçamento do MDS? Quanto? Então, 44% de R\$ 33 bilhões são aplicados pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome aqui no Nordeste brasileiro. Das 29,3 mil equipes do



Programa da Saúde Família, 12 mil estão no Nordeste, representado 70% de cobertura. É exatamente no Nordeste a maior cobertura do Programa Saúde da Família. Três milhões e oitocentas mil pessoas no Nordeste foram beneficiadas pelo Programa Luz para Todos até fevereiro de 2009, correspondendo a 40% do total dos beneficiários. Já tem vários estados do Nordeste que já conseguiram universalizar, vários estados. Não sei se Sergipe já conseguiu universalizar, não sei se a Bahia já conseguiu universalizar, mas eu sei que o Rio Grande do Norte acho que conseguiu universalizar, acho que a Bahia, acho que Pernambuco conseguiu universalizar, ou seja, e nós queremos até 2010 resolver o problema de luz para todos. Porque vocês sabem que o Programa Luz para Todos é você tirar uma pessoa do século XVIII e colocá-la no século XXI, ou seja, você tira ela do carro de boi e a coloca na frente de um computador em 30 segundos. Ou seja, é quase que um milagre e nós vamos continuar fazendo isso.

O Plano Safra da Agricultura Familiar 2007/2008, 31% dos recursos estão no Nordeste, ou seja, R\$ 4 bilhões dos R\$ 13 bilhões. Vocês pensam que é pouco. Não é pouco não. Quando se anunciava o Pronaf, há 10 anos, 80% dos recursos iam para o Rio Grande do Sul, que é onde tinha gente mais organizada, onde tinha mais agricultura familiar forte, onde tinha cooperativa, então eles iam lá, pegavam o dinheiro. Aqui no Nordeste as pessoas não tinham o hábito de pegar dinheiro do Pronaf. Já estão conseguindo pegar no Nordeste, R\$ 4 bilhões. Se vocês conheceram o Programa do Desenvolvimento Regional, dos companheiros do Banco do Brasil, vocês vão perceber uma revolução que está acontecendo fora do ministério do Geddel, fora do governo da Bahia, fora do ministério da Dilma, ou seja, é uma política do Banco do Brasil de cuidar das pessoas mais pobres neste país, já tem mais de um milhão, mais de um milhão de famílias, 1,25 milhão? Também cada dia você aumenta um pouco. Para, senão daqui a pouco tem mais gente do que a população. Vai devagar. 1,25 milhão de famílias que, com a ajuda do Banco do



Brasil, estão fazendo coisas extraordinárias pela parte mais pobre do nosso País.

Vinte e nove, dos 60 Territórios da Cidadania, implantados em 2008, estão no Nordeste, contemplando 499 municípios, Wagner. E 27, dos novos 60 Territórios que serão implantados em 2009/2010 – ontem implantamos um – estão no Nordeste, completando mais 425 municípios. Você soma 425 com 499, você vai ter, praticamente, 900 municípios do Nordeste contemplados com essa política do Território da Cidadania.

Além disso, aqui na Bahia, só do PAC, previsto de investimentos até 2012, Dilma, se eu falar e não for verdade, você fica quieta, se for verdade, você balança a cabeça, que é verdade, ou seja, nós temos R\$ 45 bilhões previstos de investimentos aqui para a Bahia.

Pois bem, para o Nordeste é muito mais do que isso, para os outros estados é muito mais do que isso e, agora, já não contente com tudo o que recebe, o Wagner me apresenta proposta de um projeto, levando aqui, a ponte atravessando até Itaparica. E ele já me disse que a obra custa mais de R\$ 1 bilhão. Certamente, certamente o projeto será olhado com carinho, com paixão e, certamente, Wagner, se eu não fizer, outro fará. Não posso prometer.

Bem, eu vou terminar dizendo o seguinte: vocês sabem que o desenvolvimento regional é uma coisa que está nas minhas entranhas. Eu acredito nisso como política de Estado. Eu acredito nisso como política de Estado envolvendo a União, o estado e o município. E nós, certamente, queremos estabelecer cada vez mais uma parceria entre os entes federados.

Eu já recebi hoje um pacote de notas de prefeitos. Eu sei que vocês todos estão comendo o “pão que o diabo amassou” com a queda do FPM, sei o que vocês estão passando. E a nós e ao governo federal não adianta o município estar mal, porque se ele estiver mal, ele vai se desestruturar, e o município é o primeiro pronto-socorro para atender a população. Por isso, quero dizer para vocês que nós vamos discutir com muito carinho essa questão



da situação dos municípios brasileiros.

Quero discutir com muito carinho, porque eu acho que nós vamos ter que encontrar uma solução. E todo mundo sabe que isso é resultado de uma crise que não nasceu no Brasil, de uma crise que aconteceu nos Estados Unidos, na Europa, no Japão, e que demorou mais para chegar aqui. O Brasil tem possibilidade, com o seu mercado interno, de dar a volta por cima. Vamos ficar sofrendo o problema das nossas exportações, vamos ficar sofrendo o problema da nossa relação com os nossos países parceiros de balança comercial, mas eu tenho certeza de que nós também vamos discutir saídas para isso.

A Dilma falou aqui, nós vamos anunciar, amanhã, 1 milhão de casas populares, dentro desse programa de reativar a indústria da construção civil, gerar empregos e melhorar a qualidade de moradias. Nós estamos discutindo a questão da renovação de geladeira, de fogão, de caminhão, de ônibus, ou seja, nós vamos criar condições para que essas indústrias, que significam muito do PIB industrial possam voltar a funcionar e a gerar empregos. Mas nós não podemos permitir que as prefeituras fiquem paralisadas.

Eu sei que tem muitos prefeitos novos, tem prefeito que tomou posse no dia 1º de janeiro, que já está amargando o cofre vazio, sei disso. Mas, de qualquer forma, nós vamos discutir isso, porque a solução dos municípios é a solução para o estado e a solução para o governo federal. Não existe possibilidade de alguém sozinho estar bem, ou todos nós estamos bem, ou isso aqui não é uma família, em que um pouco pode comer tudo e outro pouco pode ficar na janela olhando. Não, nós vamos tentar resolver esse problema. Estou indo para Brasília hoje à tarde, tenho uma reunião com o meu Ministro da Fazenda, o meu Ministro do Planejamento, para ver o que a gente pode tomar de medidas, porque o sufoco é muito grande.

No mais, eu vou dizer uma coisa para você, Geddel: você tenha a certeza de que eu saio daqui convencido de que esta feira é o começo de uma



nova era para milhões de brasileiros que estão no anonimato, sobrevivendo sem que a gente saiba que eles existem. Porque são pessoas que, muitas vezes, não se organizaram, não se formalizaram, mas estão sustentando a sua família, trabalhando dignamente. E você, com esta feira, uma feira mais ampla do que a feira que nós costumamos fazer, da agricultura familiar, você, com esta feira, abre para os olhos de todo o povo brasileiro a amostragem de uma riqueza incomensurável de um povo extraordinário e que nunca tinha tido a oportunidade.

Quero parabenizar o pessoal do seu ministério, que trabalhou; os parceiros que você construiu aí, para trabalhar, porque uma feira dessas dá dor de cabeça. Quando a gente chega na feira, que vê tudo pronto: “Ah, que bonito, que maravilhoso!” Mas a gente não sabe o trabalho que deve ter dado para montar uma feira como esta.

Então, meus parabéns a todos os funcionários que trabalharam nesta feira. Parabéns, Geddel. Parabéns, companheiro Jaques Wagner. E no ano que vem estaremos outra vez visitando a feira do Geddel.

(\$211A)